

ANTOLOGIA POÉTICA

I Concurso Roraimense de Poesia Universitária



Organizadores:

SIMONE GUESSER

FLORE KÉDOCHIM

MILENNE LIMA

PAMELA DUARTE

RAPHAEL MICHELS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

REITOR

Jefferson Fernandes do Nascimento

VICE-REITOR

Américo Alves de Lyra Júnior

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Cezário Paulino B. de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alexander Sibajev

Cássio Sanguini Sérgio

Edlauva Oliveira dos Santos

Guido Nunes Lopes

Gustavo Vargas Cohen

Lourival Novais Néto

Luis Felipe Paes de Almeida

Madalena V. M. do C. Borges

Marisa Barbosa Araújo

Rileuda de Sena Rebouças

Silvana Túlio Fortes

Teresa Cristina E. dos Anjos

Wagner da Silva Dias



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana - Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto - CEP.: 69.310-000. Boa Vista - RR - Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com

Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

ANTOLOGIA POÉTICA

I Concurso Roraimense de Poesia Universitária

Organizadores

SIMONE GUESSER
FLORE KÉDOCHIM
MILENNE LIMA
PAMELA DUARTE
RAPHAEL MICHELS



EDUFRR
Boa Vista - RR
2017

Copyright © 2017

Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão Textual

Pamela Duarte

Projeto Gráfico

Bryan Chrystian da Costa Araújo
Leonardo Vieira Velozo

Diagramação

Bryan Chrystian da Costa Araújo
Leonardo Vieira Velozo

Capa

José Rodrigo Batista do Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

A634 Antologia poética: I Concurso Roraimense de Poesia Universitária / Simone Guesser... [et al], organizadores. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2017.

52 p. : il.

ISBN: 978-85-8288-141-5

1 – Literatura brasileira. 2 – Poesia. I. Título. II – Guesser, Simone (org.)

CDU – 869.0(81)-1

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores

SUMÁRIO

PREFÁCIO...	6
AGRADECIMENTOS...	8
APRESENTAÇÃO...	9
PERDÃO...	12
ALÁFILA...	14
MARIA JOÃO...	16
RORAIMA 2.000 O QUINZE...	18
"PARAÍSO PERDIDO" (ALÔ QUINTANA...)	20
BILAC...	22
DO FETO AO DESAFETO...	24
TALVEZ QUE HOJE SEJA O DIA...	26
MITO OU VERDADE?...	28
SOU SEU HE (HÉLIO) NA FORMA MAIS PURA...	30
SÓ ÀS BARATAS FOI POSSÍVEL...	32
NÃO ME NASCI MARIA...	34
É QUASE PAZ...	36
ACORDO COM OS PÁSSAROS...	38
ME SALVE DE MIM...	40
MÃOS MÃOS QUE TRAGO...	42
VEJO UMA FLOR BROTANDO DENTRO DAS ARTÉRIAS DO MEU CORAÇÃO...	44
O QUE ERA TRISTEZA E PENA SE TRANSFORMOU EM RAIVA...	46
EU AINDA SEREI EU...	48
SOBRE OS ORGANIZADORES...	52

PREFÁCIO

Prefaciар um livro nunca é uma tarefa fácil. Foi difícil começar, definir de que ponto da minha relação com este livro deveria partir. Resolvi, então, iniciar pelo convite para ser uma das avaliadoras do Concurso de Poesia do PET–Letras 2016 da UFRR.

Ao receber o convite, pensei na grande responsabilidade que seria avaliar poemas escritos por pessoas que conheço, com quem convivo, muitos, meus alunos, pensei na expectativa dessas pessoas em relação ao Concurso. Com o desafio aceito e os textos em mãos, era o momento de estabelecer o distanciamento crítico necessário que me permitisse não ter pudor em dizer “considero bom” ou “não considero bom”.

Entretanto, o mais difícil foi encontrar o que não achasse bom. Restava-me selecionar aquilo que se destacava em relação ao que já era muito bom. O que se pôs diante dos meus olhos foi um conjunto de textos, em sua maioria, maduros, inquietos diante da vida, da sociedade e das angústias do mundo contemporâneo. Eram textos de gente que lê e gesta poesia.

Quando a construção deste texto estava em curso, o poeta Ferreira Gullar se foi do mundo e a lacuna de sua presença física me lembrou vários de seus versos, mas a estrofe inicial do poema Não–Coisa ficou ecoando dentro de mim:

O que o poeta quer dizer
no discurso não cabe
e se o diz é pra saber
o que ainda não sabe.

O que Gullar expõe em Não–Coisa, e se inicia com estes versos, revisita as mais diversas acepções do fazer poético. O que fica é que a poesia extrapola o discurso, vai além da linguagem e do sentir: ela constrói, desconstrói, reconstrói, lê, relê, imagina mundos, paisagens, pessoas. A poesia amalgama tudo isso, tecendo palavras e sujeitos a partir do desejo de dizer, do simples dizer um universo que é tão unicamente seu e tão maravilhosamente nosso.

Os poemas que compõem este volume realizam este amálgama com maestria. Eles questionam o entorno, falam de preconceito, tradição, modernidade e suas contradições; abordam questões de gênero, sexualidade, identidades, individual e coletiva. Dos poemas revelados no Concurso aos

textos dos artistas já conhecidos, gentilmente ofertados à coletânea, todos revelam intimidade com o fazer poético. E, por isso, encerro este prefácio deixando que o já saudoso poeta Ferreira Gullar fale por mim através das duas últimas estrofes de Não-Coisa

Toda coisa tem peso:
uma noite em seu centro.
O poema é uma coisa
que não tem nada dentro,

a não ser o ressoar
de uma imprecisa voz
que não quer se apagar
— essa voz somos nós.

CÁTIA MONTEIRO WANKLER
LETRAS - UFRR

AGRADECIMENTOS

Este E-book apresenta-se como um resultado, dentre tantos outros, do “I Concurso Roraimense de Poesia Universitária”, organizado pelo Programa de Educação Tutorial em Letras (PET–Letras) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) ao longo do ano de 2016. Para que o concurso alcançasse o nível de qualidade que alcançou, uma série de outras atividades foram imprescindíveis, desde o “Brechó do PET–Letras/UFRR” até o “Sarau Literário”, preparado pelo grupo para a premiação dos vencedores. Nessas atividades, tivemos a honra de contar com muitos generosos colaboradores. Agradecemos, portanto, a todos aqueles que contribuíram para a realização do brechó, seja por meio de doações, seja na organização, bem como aos nossos patrocinadores, a saber: Livraria Nobel, Copycenter (Amarelinho), Café Paricarana Expresso e Máfia do Verso. Um especial reconhecimento vai para a banca examinadora do concurso, composta pela Profa. Dra. Cátia Monteiro Wankler, Profa. Ma. Elisangela Martins (Elimacuxi) e Profa. Ma. Sonyellen Fonseca Ferreira (Sony Ferseck), para os ilustradores das poesias apresentadas neste livro e ao Rodrigo Batista, pela arte da capa. Por fim, agradecemos à Reitoria da UFRR, à EDUFRR e ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), pelo apoio na realização do nosso sarau literário, à Coordenadoria de Comunicação Social (COORDCOM), pelas eficientes divulgações das nossas atividades, e ao Centro de Comunicação, Letras e Artes Visuais (CCLA) da UFRR, pela oportunidade de publicação deste trabalho.

APRESENTAÇÃO

Como todos os anos, o PET–Letras da UFRR realiza, em conformidade com os objetivos nacionalmente estabelecidos pelo Programa de Educação Tutorial, atividades de ensino, pesquisa e extensão, alicerçado no princípio de indissociabilidade entre esses três componentes da formação no ensino superior e a partir do método tutorial. Essa linha de trabalho tem como objetivo geral “promover a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos de graduação envolvidos direta ou indiretamente com o programa, estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação”. Para alcançar tal objetivo, várias outras metas são apresentadas, entre as quais podemos destacar o propósito de desenvolver novas práticas e experiências pedagógicas no âmbito dos cursos de graduação e o objetivo de estabelecer uma constante interação entre alunos petianos e os corpos discente e docente da sua universidade e de outras Instituições de Ensino Superior.

Foi exatamente a partir desses dois objetivos específicos do Programa que o PET–Letras da UFRR teve a ideia de realizar o “I Concurso Roraimense de Poesia Universitária”. Vimos no concurso, e em seus desdobramentos (de modo especial, no Sarau Literário do PET–Letras e, por fim, na publicação deste E–book), a possibilidade de atuarmos como agentes multiplicadores de novas práticas dentro do Curso de Letras da UFRR, dado que a realização de uma atividade que focasse na produção literária de estudantes universitários aparecia como uma ideia inédita. Não apenas dentro da UFRR, mas dentro de todo o estado de Roraima. Vale ressaltar, por outro lado, que não foi só o ineditismo da proposta que nos impulsionou. Mais do que isso, foi a observação de que dentro da UFRR, em diferentes cursos de graduação e pós–graduação, havia uma intensa e interessante produção literária. Isso nos fez imaginar que o mesmo poderia estar acontecendo dentro de outras universidades roraimenses. Dessa forma, a ideia do concurso surgiu com o forte propósito de valorizar e incentivar a produção literária de estudantes de instituições de ensino do estado de Roraima.

Para além disso, a empreitada envolvida no concurso nos possibilitaria entrar em contato e trabalhar com alunos e professores de diferentes cursos de graduação. Foi, de fato, o que aconteceu: partindo da

elaboração do edital e chegando ao resultado final do concurso, o PET–Letras interagiu, de maneira extremamente produtiva, com professores e alunos do Curso de Letras e de outros cursos da UFFR, em particular com os corpos docente e discente do Curso de Artes Visuais. Também tivemos a oportunidade de estar em contato direto com escritores locais. Essas interações nos proporcionaram um interessante aprendizado, em especial modo no que se refere às reflexões sobre as formas de fomentar a poesia regional dentro da academia, da comunidade roraimense e do cenário nacional.

Este E–book, como dissemos, apresenta–se como um desdobramento do “I Concurso Roraimense de Poesia Universitária”. Trata–se de uma antologia poética em que são publicadas as poesias dos dez primeiros colocados no concurso. Os escritos são organizados de acordo com a ordem de classificação dos candidatos e acompanhados de ilustrações de artistas locais, que foram desafiados a ilustrar por meio de diferentes técnicas, as suas leituras dos escritos. As dez poesias classificadas são seguidas de outros nove textos, também ilustrados, de autores que atuam no estado de Roraima, a saber, os escritores Devair Fiorotti, Sony Ferseck e Milenne Lima.

O PET–Letras/UFFR espera que, com esta antologia, seja possível dar um pontapé inicial a um movimento de incentivo e divulgação da poesia universitária do estado de Roraima e, com isso, de maneira mais ampla, contribuir para o conhecimento e a valorização da literatura regional. A todos uma boa leitura e boa viagem!

SIMONE GUESSER
FLORE KÉDOCHIM
MILENNE LIMA
PAMELA DUARTE
RAPHAEL MICHELS

PERDÃO

“Cala-te, Louca!”

Mirou seu corpo
E atirou.
Em cheio, em série
À queima roupa, bruto
Fez do rótulo sua pele
Do seu sexo, produto

De todos os goles amargos
Que descem pela garganta
Até o inferno
O pior é a voz
Não pronunciada aos berros

Quando fala, sua fala é balela
É interrompid
Interrom
Interr
Enterrada
Ao selar em sua boca a mordança
A cara a tapa
Valor não tem

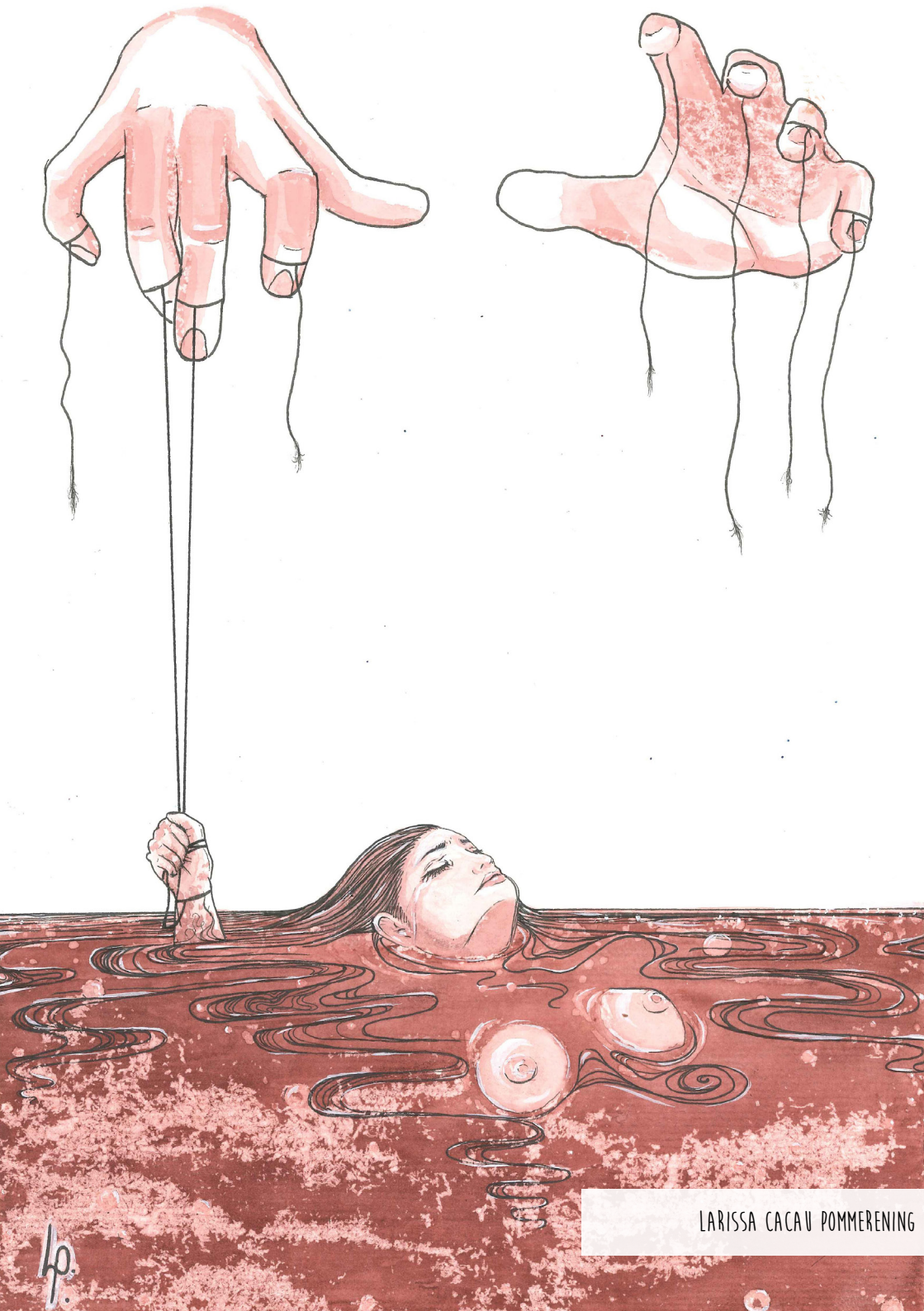
Seu traje é permissão
Os joelhos gastos, dilacerados
Ainda pede a Deus
Perdão
Perdão
Perdão

– Cala-te, louca!

– Não tô a fim.

A voz, ainda que rouca, dirá: Sou dona de mim.

NARA MICHELLY NASCIMENTO OLIVEIRA



LARISSA CACAU POMMERENING

lp.

ALÁFILA

Agô! Minha mãe!
Epahei, Iansã!
Abençoa minha caminhada,
que essa jornada tem sido pesada.
Ser negra no meio do lavrado,
ter minha pele coberta pelo barro
e cada ponto abafado
após cada ponto, ah minha mãe!

Minha ancestralidade negada
jogada debaixo da morenise,
da pelagem da mulata.
Sigo sendo apagada pela
massa, casta, nata
dessa sociedade que se diz atual.
Que não ouve Orunmilá e
causa seu próprio mal.

Ah, minha mãe!
Dai-me forças!
Minha cor, meus cabelos
Todo o meu corpo negro
grita em desespero:
Pelas Claudias arrastadas,
Contra os 30 malditos
Ocultados pela justiça
Que é cega e calada.

E por esse lavrado
sigo dando voz
aos meus santos:
Iansã, minha mãe!
Epahei! Epahei!
Ser negra no lavrado
não é fácil e não me rendo.
Puxo os pontos do congado
Pois rainha me fiz de bom grado.



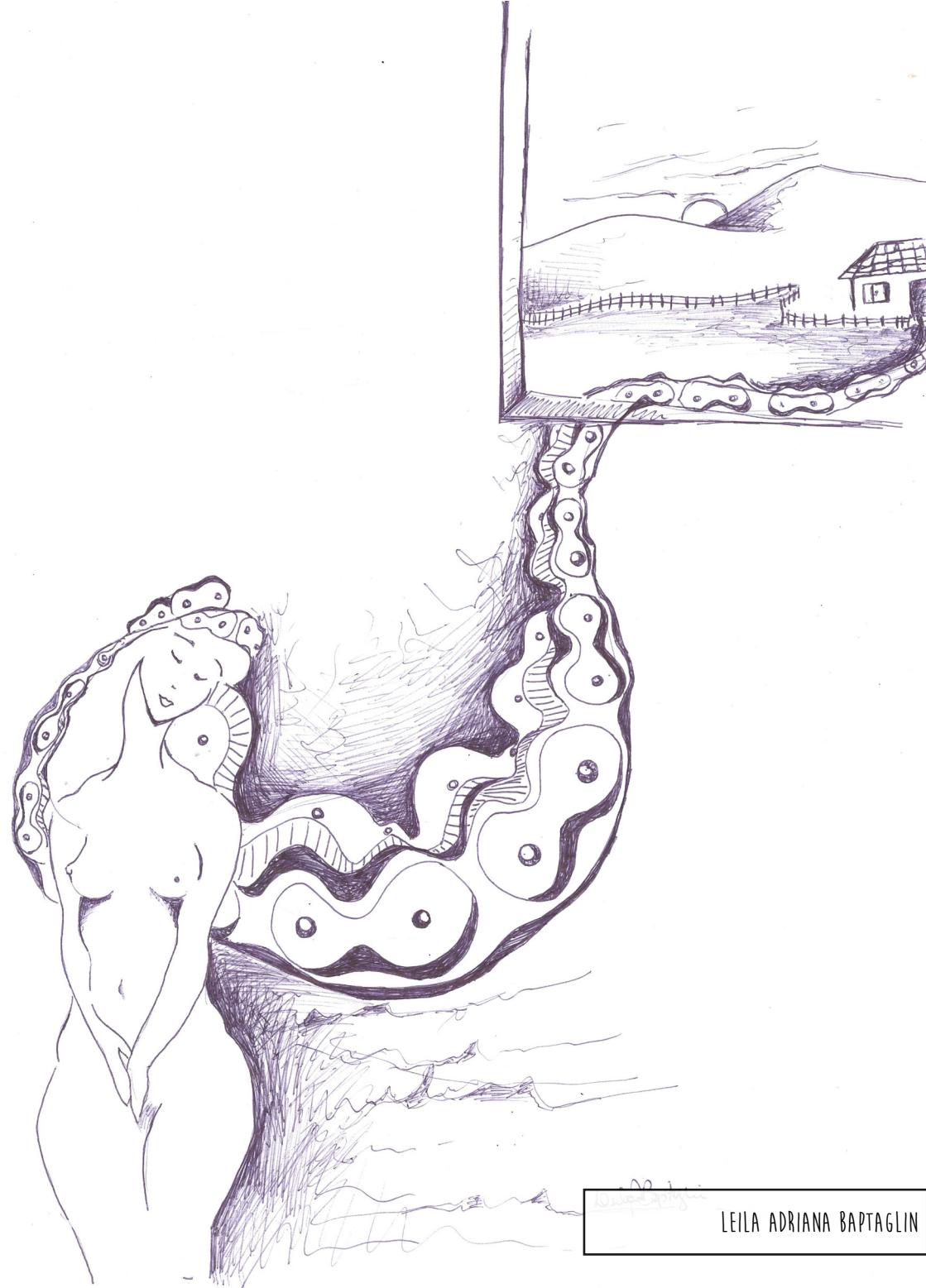
GEORGINA ARIANE RODRIGUES SARMENTO

MARIA JOÃO

Maria João corria
Era seu nome.
E não Correa
Como as amarras
De sua cabeça.
Era forçada livremente
A usar sua boca macia
Ela engolia!
Eu falo alto
Um falo inteiro ela engolia.
Era mulher da vida.
Sofria, sofria.

Numa noite fria
Janelas abertas
Grades destrancadas.
Muito Sábia
Correu para o mundo
Mal esperava
Ganhar dinheiro
Com a única coisa que sabia.

AXI REED LOURENÇO



LEILA ADRIANA BAPTAGLIN

RORAIMA 2.000 O QUINZE

Os galhos secos da árvore gritavam que estava por vir
Escaldando o coração que no ápice de bondade
Fogueava as folhas secas em minh´alma
E o gado comendo aquele capim

Sem vida, sem cor, sem gosto
Por necessidade!

O sol refrescando-se do próprio calor
Bebia dos igarapés o que ainda encontrava
Tudo sofre, os donos da terra sangram de dor
- Chove chuva! Esse era o canto dos pássaros

Sem vida, sem cor, sem gosto
Por necessidade!

Olhos esturricados presenciam o desespero
Muitos fugiam outros queimavam um nem andava
Os donos da floresta participavam dos enterros
Da mata da água da comida que encontravam

Sem vida, sem cor, sem gosto
Por necessidade!

As nuvens com sede cansadas do sofrimento
Clamavam ao rei que o povo pedia uma trégua
O sol arrependendo-se devolveu a água roubada
Os gados alimentavam-se depois do resfriamento

Com vida.
Com cor.
Com gosto.
Por felicidade, Por agradecimento!

Os donos da terra plantam, os donos da floresta cantam
Uns ajoelhavam diante da vida e clamavam com louvor
Sangramento estancado vermelhava no peito alegria
Meus Esturricados dos olhos preenchidos com flor

Com vida.
Com cor.
Com gosto.
Por felicidade, Por agradecimento!

DANIELE DOS SANTOS PRATES



TAFINIS LEANDRO SILVA SAID

"PARAÍSO PERDIDO" (ALÔ QUINTANA...)

Minha sexualidade está à margem.
Dizem os olhares (tortos).
Mas percebi que existem
(de fato) outros que nem eu.
Pelos becos (calados)...
Oprimidos. Atarantados.
O meu gênero que igual não é ao seu.
Que longe está da hegemonia.
A minha existência o centro.
Subverte "status quo" periferia (eu aguento).
A pressão de sobreviver...
Resistir é preciso (cê vai ver).
Enquanto seus cochichos e risadas.
Continuarem as mesmas piadas.
O outro será sempre outro e não eu.
A vida na grande ilusão se perdeu.
Não!
(Minha existência em vão?)
Sou eu o gado sinônimo de um plebeu.
Aquele que continua em seu caminho.
Entre trans e cis (binários)...
Eu... Espinho.

MONIQUE OLIVEIRA DE MELO



GEORGINA ARIANE RODRIGUES SARMENTO

BILAC

Em palavras sem sentido nos entendemos
Em cores misturadas nos comunicamos
Em tristezas acumuladas tentamos sorrir
E em sorrisos ocultos conhecemos
A verdade um do outro

Enlouquecendo por amores platônicos
E chorando internamente por dores triviais
Nós somos iguais
Somos todos indecifráveis
E descartáveis

Sonhamos com o possível
Mediante o improvável
Escrevemos a verdade
Inaceitável

Somos os sozinhos
Que fingem sociáveis
Andamos por um caminho
Onde não somos controláveis

Temos a vida na ponta dos dedos
E somente a usamos
Para termos liberdade
Somos os desconhecidos
Somos eu, você ou Olavo Bilac

MARIA HELENA LOPES



RAPHAEL MICHELS FANTINATO DE MOURA

Raphael

DO FETO AO DESAFETO

Torpe, inexato, estático.
No breu sombrio, tormenta,
De semana a outra aumenta,
Esse ser interligado. Começo?

Início ou recomeço?
Independente de outrora,
O tempo vai, não demora,
A luz a escuridão clareia.

Choro, um tapa, berros.
Em um mundo real ou no inferno,
Abandonado ao universo,
Fim ou reinício?

Ressuscita, morre ou reencarna?
Não importa, a vida para,
Liberto das dores e das amarras,
Na eterna roupa de madeira,
Enfim, padece.

LUCAS OLIVEIRA ANDRÉ MAGALHÃES



dreamstime.com

dreamstime.com

TAFINIS LEANDRO SILVA SAID

Talvez que hoje seja o dia
Em que eu finalmente seja lido
Nas entrelinhas das estrelinhas
E me torne letras e mais letras
despido

Talvez que hoje seja aquele dia
Que não acaba nunca
E é por tantas vezes desejado
E repetido

Talvez que hoje seja um dia
Desses trezentos qualquer
Em que eu, licenciado poético,
Faça dele o que quiser
Inclusive poesia

FELIPE THIAGO CORDEIRO DA ROCHA



RHAFIA
PORTO

RHAFEL PORTO RIBEIRO

MITO OU VERDADE?

Nos montes existem histórias
Que apavoram a sociedade
Nas serras ou nos lavrados
É um mito ou é verdade?
Mascarado ou diferente
Ele assusta muita gente
Ele se inspira nos animais
E é feroz cada vez mais
Nas madrugadas o vento sopra
Ele está a assobiar
Se ele aparece e te cerca
Você não consegue andar
Mito ou verdade?
Não sabemos explicar
A história deste ser
Está sempre a amedrontar
kanaimé ou rabudo?
Não precisa nem dizer
Toda noite no escuro
Ele pode aparecer...
Aparece como onça
Logo vira tamanduá
Pula, pula, como macaco,
E transforma-se no ar
Mito ou verdade?
Defina como quiser
Cada povo em sua cultura
Tem na história um
Kanaimé.

KAIWONO (NEILANE RAMOS PEREIRA)



DAYANA SOARES ARAÚJO PAES

Sou seu He (Hélio) na forma mais pura
Sua cura
O seu O (Oxigênio), H₂O (Água) e Au (Ouro)
Sexo semanal

Um evento cósmico natural
Supernova
Gravidade
Singularidade

Horizonte de eventos
Distorcendo o espaço
Dilatando o tempo
Amor universal.

RANIERE DE OLIVEIRA CARVALHO JUNIOR



TAFINIS LEANDRO SILVA SAID

Só às baratas foi possível
Clarice e Kafka
Em asas e cascas
Humilhar as palavras
Por não alcançá-las
Em pleno voo.
Só ao verme foi possível
Machado
Duro e impávido
Cínico e ávido
Degluti-lo melhor que ninguém.
Só à carniça foi possível
Baudelaire
Decompô-lo em poeta.
A nós só foi possível
O desejo de veneno
Àqueles que os tiveram
Por antes e primeiro
Versos e escritos por inteiro.

SONY FERSECK



RAPHAEL MICHELS FANTINATO DE MOURA

Não me nasci Maria
Não prestei nem pra isso
Não cresci pra Maria
Faltou batismo
Tampouco me fiz Maria.
Só desenvolvi consoantes
Que não dão rimas.
Tivesse nascido antes
Ninguém mataria
As folhas cegas
Aquilo que já fui
Demais na vida.
Não dei pra Maria
Só fiz poesia
e desgosto de filha.
Um dia vou ser Maria
Sem dúvida nem agonia
Vou ser pra jamais.
Por enquanto fico no que não seria
Se não fosse Maria,
Se não fossem os mas...

SONY FERSECK



88b

MATEUS FORTE

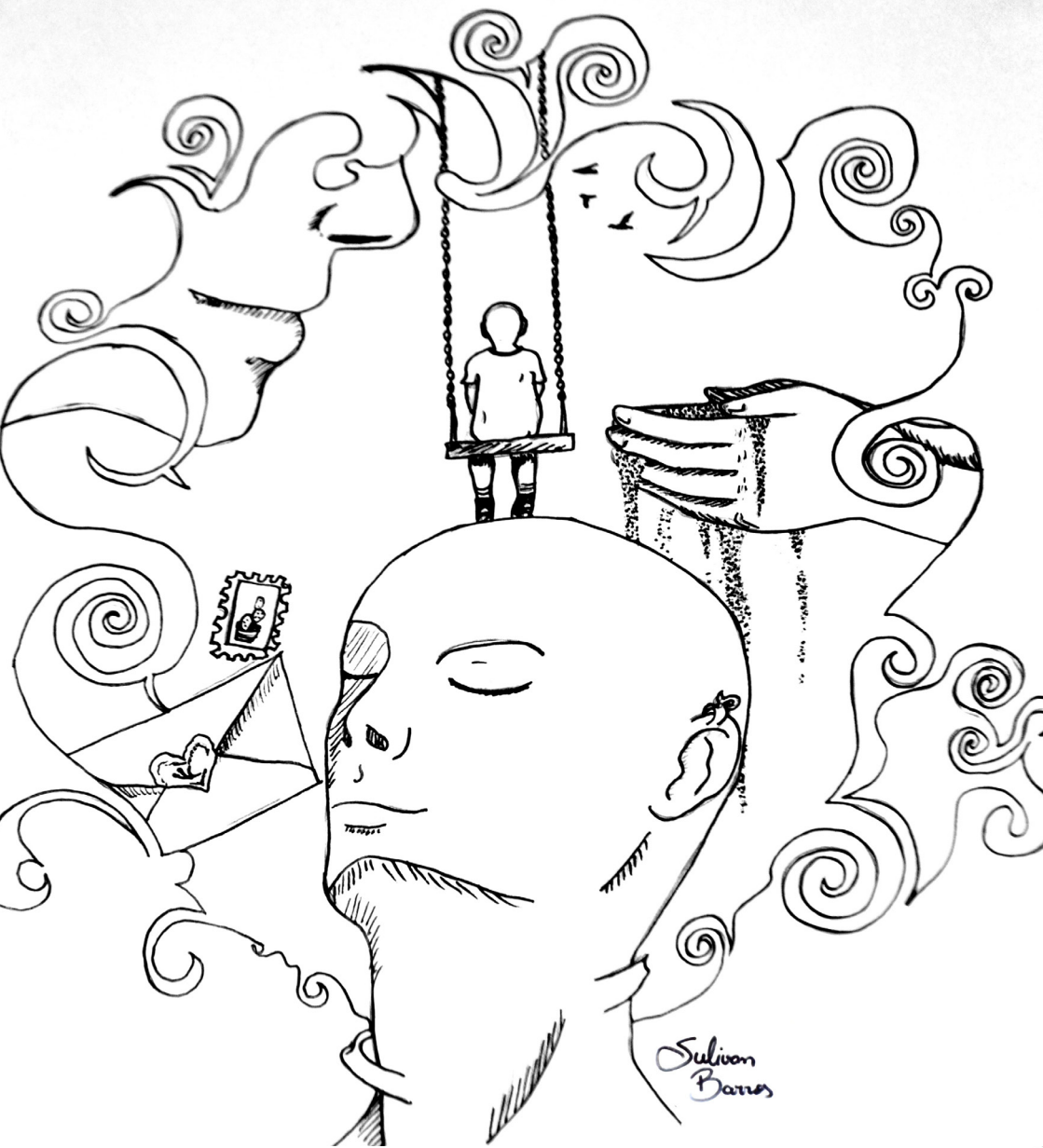
É quase paz
que as unhas do sofrimento
sejam mais negras e cavem
mais fundo nas areias do peito.

É quase paz
que um anagrama sonoro
me dispa em tônicas
até os ossos,
me emudeça.

É quase paz
que a mágoa seja
amor ao contrário
seja raiva, seja presença.

É quase paz
nas margens de mim
que eu já não seja.

SONY FERSECK



Acordo com os pássaros
ouço seus chamados toda manhã
“vai, canta devair”
e eu ainda atordoado pelos sonhos
me ponho a cantar

poeta desafinado, de um tempo de liras rotas
me vejo despido tão temprano
e desnudado meus pés me levam pelo dia
guiados ainda pelos sonhos

não, pajaritos! iludido como caeiro
o sonho me quer somente como o lago
os pássaros, o monte, mas
envenenado pelos dias e pela palavra
me condeno e me mato em cada verso

DEVAIR FIOROTTI



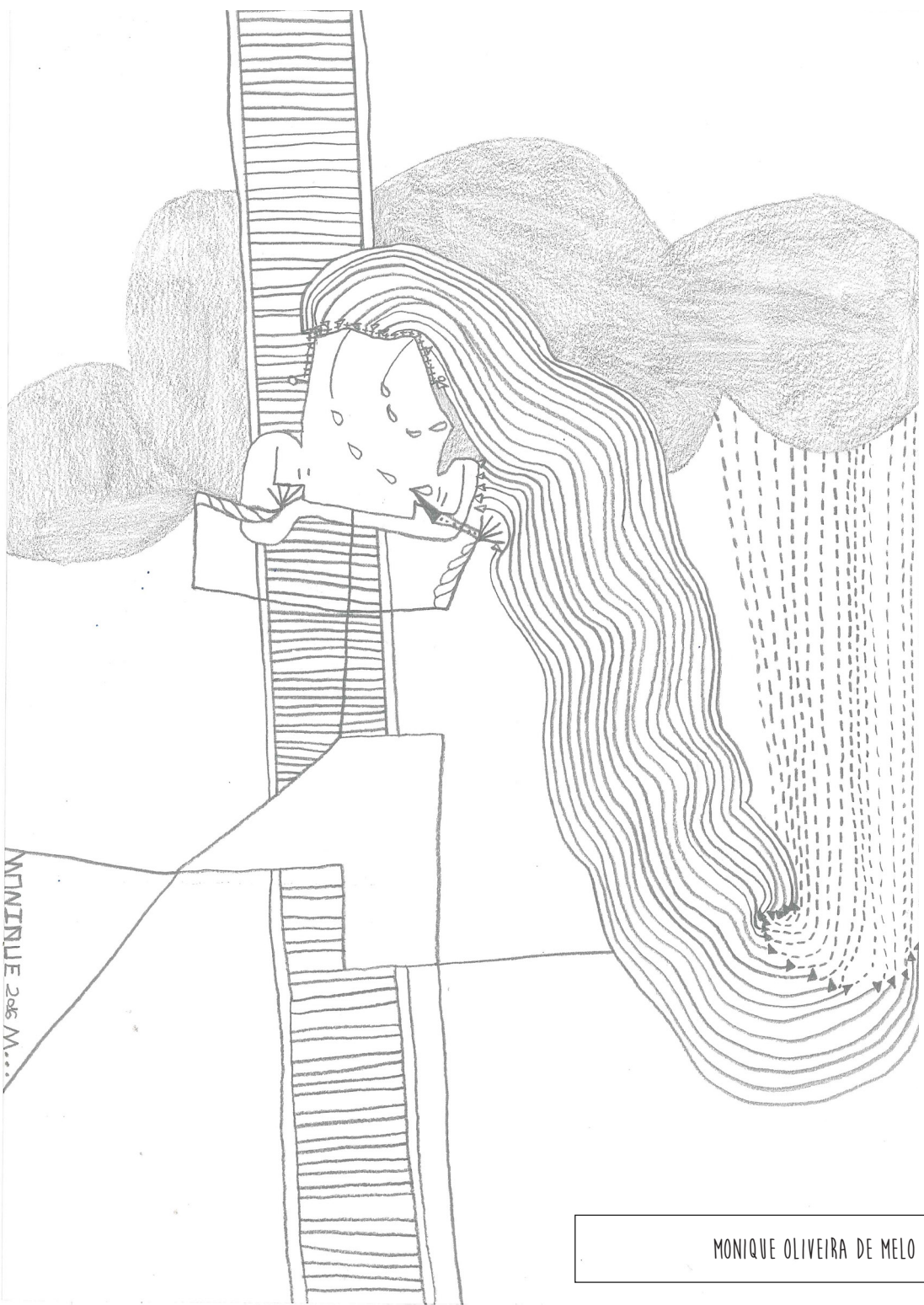
VINÍCIUS LUGE OLIVEIRA

Me salve de mim
use um alicate
uma faca
um canivete
uma picareta
um bisturi

me salve de mim
com uma retroescavadeira
uma furadeira
um motosserra
um fuzil

me salve de mim
jogue uma corda
um cálice de cicuta
um gás mortal
pois não há mais tempo
sou meu próprio temporal

DEVAIR FIOROTTI



MONIQUE 2006 M...

MONIQUE OLIVEIRA DE MELO

Mãos mãos que trago
mãos que ironicamente se limpam
das nódoas do chão

tocar nas mãos de minha gente
ver suas unhas encardidas
vê-las ali unhas de gente
unhas de sol e
lavra e terra e
seus gostos e
seus cheiros e
suas nódoas de tempo, sumos do temporal
é me reconhecer não sendo, mãos, um igual

olho pra essas mãos feitas de calos, então
olho pra elas e vejo a terra, as plantações
vejo a manhã ensolarada, o dia ensolarado
sem perdão
vejo a crença na vida
vida sem perdão
vejo domingos de descanso, rezas
vejo então eu mesmo
eu ali
preso também naquelas mãos

olho pras minhas mãos limpas da terra
das plantações
limpa dos calos
mas já sujas de outras mãos
unhas limpas como a suplicar um perdão
um perdão de não ser mais terra
de não ser mais plantaço

olho pra elas unhas limpas a me distanciar
daquelas mãos
mãos de minha gente
mãos criadas pelo chão
parece nascidas dele, como a própria plantaço

mãos feitas de dor terra sol água vento, plantaço
mãos que me criaram, alimentaram
mãos das minhas mãos
mãos que abandonei e reencontro
em cada toque, em cada olhar
meio que como pedindo perdão

perdão de não ser mais mão terra
mas mãos de dor e solidão

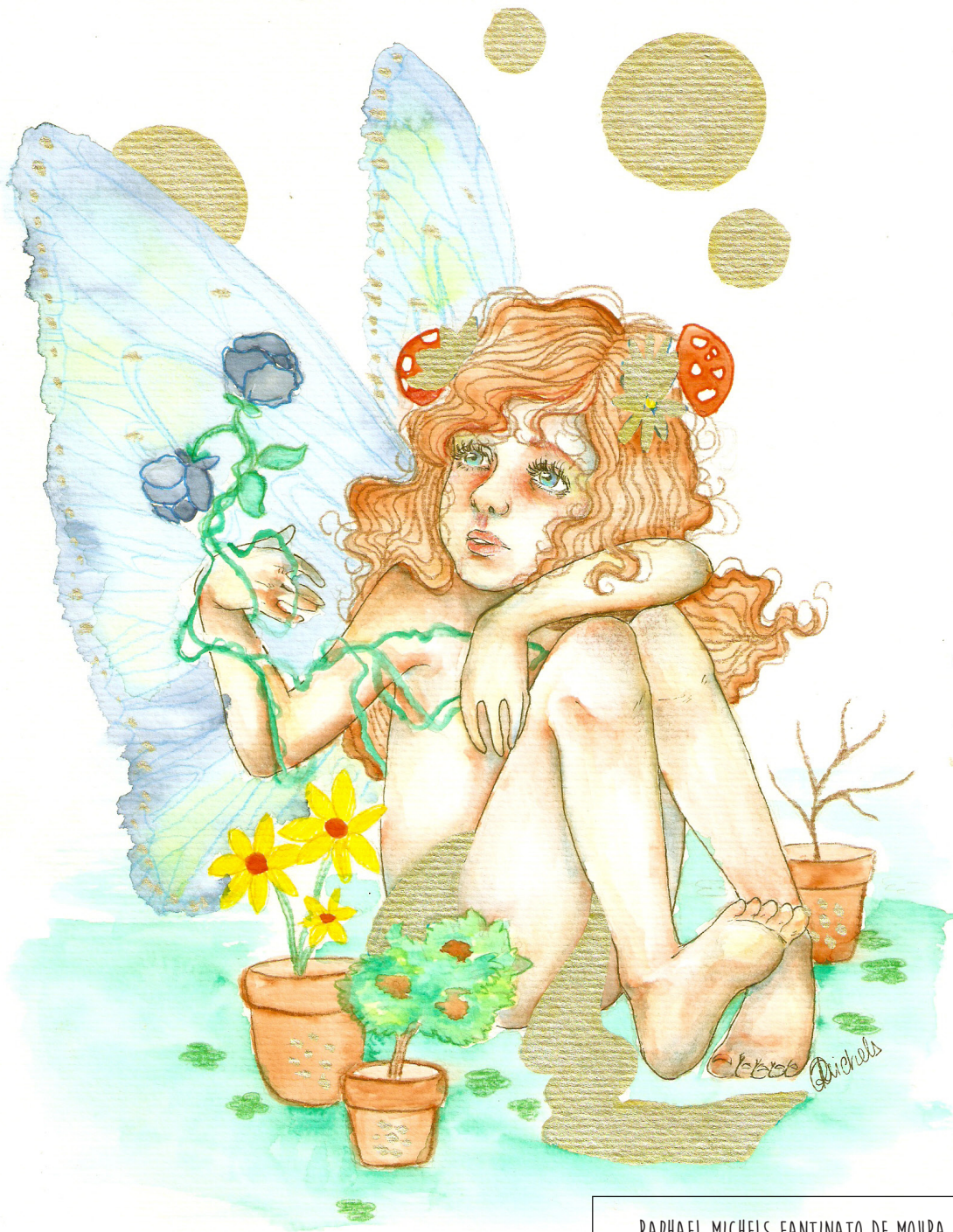


Michels

RAPHAEL MICHELS FANTINATO DE MOURA

Vejo uma flor brotando dentro das artérias do meu coração
Suas raízes vão crescendo e misturando-se com minhas veias
Reclamo da dor que sinto e do medo de vê-la brotar
As pessoas me calam num tom de crítica mundana
Não vejo nada de errado em não querer sofrer a metamorfose
“mas a dor é pra ser sentida” disse meu pai
Quem fundou este pensamento nem me importa
Quero correr a ponto de ficar quieta sem respiração
Dizem que não compreendem o que digo
As palavras são vãs
No meio de um jardim morto, onde uma flor insiste em aparecer
Retrocede, pequenina!
Fica onde é escuro e ninguém pode te ver
Assim estarás protegida e guardada
Não por mim que não tenho nada pra te defender
Mas sim pela escuridão
Afinal, pra que me servem as
palavras?
O vazio do barulho dos hipócritas nem me incomoda mais
Podem gritar à vontade, aparto de mim este cálice ardente
Galada, fico no canto da
sala
Mas dentro de mim não podem me impedir de gritar
Porque a minha flor quer nascer
E no final, é meu coração que clamará para ver a luz do dia
Embora dor
Embora agonia

MILLENNE LIMA



RAPHAEL MICHELS FANTINATO DE MOURA

O que era tristeza e pena se transformou em raiva.
O desrespeito desumaniza a gente
O que estava nublado se converteu em pura tempestade com raios que alcançam a alma.
O espírito se esvai
A calma se metamorfoseou em bagunça e ódio
Ódio do que era pra ser
Ódio do que vem à mente e apenas mente e se desmente
No descontente de repente o ausente
Nojo e fúria
O querer da repulsa
E o pavor do desespero
O nojo do “e se?”
Nojo do “talvez foi assim que aprendeu a viver”
Nojo do calar
Nojo do falar sem ter ouvido que escute
Ódio
Ódio que tem pena e sente remorso por educação
Pelo que sabe ser e viver

MILLENNE LIMA



RHAFA
PORTO

RHAFAEL PORTO RIBEIRO

Eu ainda serei eu
Eu ainda serei eu quando você for embora
Quando você disser que sou inútil
Que tudo é minha culpa

Eu ainda serei eu quando você for sair para beber
Quando você chegar quebrando as coisas de casa que eu comprei ontem
Eu ainda serei eu quando sua mãe disser que não terei uma pessoa
melhor

Eu ainda serei eu
Porque os pássaros ainda estão cantando
As flores estão nascendo
E eu ainda posso vê-las pela janela

Eu ainda serei eu quando ouvir suas palavras sujas
Quando chegar com o olho machucado e ter que criar uma desculpa
qualquer que seja
Quando tiver que sorrir para meus filhos mesmo que por dentro eu seja
choro

Eu ainda serei eu
E as baleias continuarão a migrar
As abelhas continuarão a produzir mel
A chuva continuará a cair e a fazer o mesmo barulho de sempre

Eu ainda serei eu
Os aviões continuarão a voar e a pousar
Os navios a velejar
O deserto a guardar as cobras e a comportar areias

Eu ainda serei eu mesmo quando você for embora
Então...
Então, por que você não vai?
Por que não arruma um saco de estopa qualquer para guardar suas pou-
cas roupas?
Por que não segue seu caminho sozinho?
Por que não dirige até chegar a lugar nenhum?
Por quê?

Eu ainda serei eu
Mas você ainda será você quando não tiver a quem humilhar?
Quando não tiver em quem bater?
Quando a dor chegar e não tiver ninguém para consolar?
Quando seu vômito for sua única companhia?
Quando a bebida não fizer mais efeito em você?
Quando seus filhos cuspirem na sua cara?
Quando eles sentirem nojo de você?

Eu ainda serei eu
Ainda serei mãe
Ainda serei filha e tia
Amiga
Prima
Avó
Empregada e empregadora
Aluna e professora

Eu ainda serei eu mesmo que não tenha você
Mesmo que o seu eu não exista
E não tenha que te esperar para o jantar
Eu ainda serei eu quando a tristeza sumir
Quando guardar forças para dizer “basta”
Quando o sorriso for sincero
Quando os olhos fecharem para dormir tranquilamente
Quando o gosto da comida não for de sangue
Quando nada se quebrar
Quando o vento não arder
Quando a mágica do “não” funcionar

Eu ainda serei eu
E você?
Não! Você não será você
Você não terá voz ou visão
Não terá punho ou força
Não terá bebida ou drogas
Não terá emprego ou servidor
Não terá paz nem guerra
Você não será você

Não será nada!
Um vazio... Um silêncio negativo...
Uma escuridão...
Você será aquilo que lutou para ser
Aquilo que atraiu sem esforço
Será um esquecimento
E eu?
Eu ainda serei eu

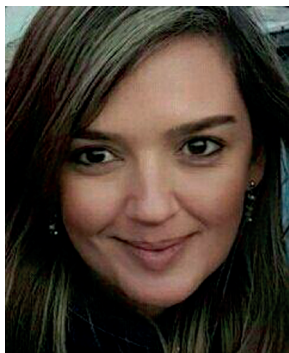
MILENNE LIMA



EVELLY PAAT SAMPAIO DA SILVA

SOBRE OS ORGANIZADORES

SIMONE GUESSER



Possui graduação em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003), mestrado em Linguística pela Universidade de Siena (2007) e doutorado em Ciências Cognitivas pela mesma instituição (2011). Em 2009 foi boursière d' excellence na Universidade de Genebra. É professora da graduação e do mestrado em Letras da UFRR e tutora PET-Letras. Tem interesse na área de sintaxe formal, desenvolvendo pesquisas sobre processos de focalização, topicalização e formação de frases interrogativas no português brasileiro. Mais recentemente iniciou estudos que exploram a relação entre linguística e ensino.

Graduanda em Letras com habilitação em língua francesa pela Universidade Federal de Roraima. É professora de francês e inglês no SENAC Idiomas Roraima. Participa do grupo PET-Letras da UFRR, no qual desenvolve pesquisa sobre a aquisição do francês como segunda língua e colabora com o Laboratório de Estudos Gramaticais e Aquisição da Linguagem (LEGAL). Possui trabalhos relacionados ao ensino de línguas estrangeiras. Atualmente é presidente da Associação dos Professores e Francófilos de Roraima (APFRR).

FLORE KÉDOCHIM



Graduanda em Letras com habilitação em Língua Espanhola pela Universidade Federal de Roraima e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Letras). Sua área de afinidade é Leitura e Produção Textual. Tem se envolvido em eventos de Literatura e monitoria das disciplinas de idiomas do seu curso. Escreve desde os 12 anos de idade e com 17 anos teve seu primeiro conto publicado.

MILLENNE LIMA



RAPHAEL MICHELS



Graduando em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Roraima e discente voluntário do Programa de Educação Tutorial (PET–Letras). Tem interesse na área de tradução e versão. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID–Inglês), desempenhando atividades na área do Ensino de Língua Inglesa como língua estrangeira em escolas públicas e colabora com o Laboratório de Estudos Gramaticais e Aquisição da Linguagem (LEGAL). Ilustrador freelancer, desenha desde muito cedo, tendo seus primeiros trabalhos realizados a partir dos 17 anos de idade.

Graduanda em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Roraima. É professora do curso de Língua Portuguesa como Língua Estrangeira/Adicional (PLE/PLA) pela mesma universidade. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID–Letras), de 2015 a 2017. Participa do Programa de Educação Tutorial (PET–Letras), e colabora Laboratório de Estudos Gramaticais e Aquisição da Linguagem (LEGAL), desenvolvendo pesquisa na área da Sintaxe Formal.

PAMELA DUARTE



Organizada pelo PET–Letras da UFRR, esta Antologia reúne poesias dos dez primeiros colocados no “I Concurso Roraimense de Poesia Universitária” e também de escritores que atuam no estado de Roraima. Todos os textos são ilustrados por jovens artistas locais pertencentes aos corpos docente e discente da UFRR. Com este volume, que compila intensas e maduras poesias em diálogo com as Artes Visuais, pretende-se valorizar e incentivar a produção artística de estudantes universitários de Roraima e, de modo geral, contribuir para o conhecimento e a valorização da cultura regional roraimense.

